Candomblés: como abordar esta cultura na escola

Henrique Cunha Junior*

Os diabos e os demônios não fazem parte da cultura africana. Sendo assim, as religiões de base africana não conhecem estas figuras e não têm nada a ver com elas. Por racismo contra a população negra é que pessoas desinformadas dizem que Candomblés são cultos de natureza diabólica. Quem conhece a bíblia cristã nas suas versões originais sabe que as danças e os toques de tambor fizeram parte do cristianismo e estavam presentes nesta religião. Assim, o tambor e as danças no Candomblé são partes das manifestações religiosas de toda a humanidade antiga.

Resumo: A educação pluralista deve garantir os conhecimentos sobre as diversas culturas e religiões da humanidade. O artigo apresenta as razões que justificam a apresentação das religiões africanas na educação brasileira. Também trabalha a definição sobre o que é Umbanda e Candomblé como religiões de matrizes africanas. Discute os racismos contra a população negra realizado na forma de informação religiosa.

Palavras chaves: Umbanda e Candomblé, educação democrática, patrimônio cultural.

Abstract: The pluralist education must guarantee the knowledges on several cultures and religions of the humanity. The article presents the reasons that justify the presentation of the African religions in the Brazilian education. Also it works the definition on what it is an Umbanda and Candomble like religions of African wombs. It discusses the racism against the black population carried out in the form of religious information.

Key words: Umbanda and Candomble, democratic education, cultural inheritance.

1 – A necessidade de se falar sobre Candomblé na Educação.

Existe na atualidade uma perseguição religiosa contras as religiões de base africana. Estas religiões possuem diversas denominações regionais e são genericamente chamadas de Umbanda e de Candomblé. As perseguições são transformadas em formas de medos quantos estas religiões e difundidos por uma maquina de propaganda no imaginário da sociedade. Devido estas diversas formas de criar medos e perseguições se produziram tabus em se falar sobre as religiões de base africana. Também foram eliminadas as formas

respeitosas no cotidiano em falar dessas religiões. Falar com respeito não implica em aderi-las ou delas pactuar, apenas consiste em ser democrático e pluralista respeitando todas as formas de valores religiosos presentes na sociedade. As perseguições e a imposição de silêncio (não falar delas) sobre as religiões de base africana são contrárias aos princípios da constituição brasileira e também ao respeito aos direitos humanos que prevêm a liberdade de opinião e expressão religiosa. A manutenção e a imposição de silencio sobre estas religiões é uma forma de censura e limitação da liberdade de expressão cultural (GUIA,

1999). No entanto, a liberdade de opinião e expressão religiosa não pode ser confundida com a pregação para procurar a conversão de pessoas. A escola e a educação devem laicas no Brasil. Devem limitar a informação religiosa ao campo da cultura e da informação de base.

A escola não deve fazer proselitismo de nenhuma religião. Não deve fazer propaganda religiosa visando a afirmação de uma ou outra religião ou a conversão de pessoas. Neste sentido, falar de Umbanda e Candomblé nas escolas deve ser na direção do esclarecimento sobre a importância destas na cultura brasileira e também no sentido de combater os preconceitos e racismos contra a população e a cultura negra. O racismo antinegro tomou em parte o sentido religioso e pode ficar expresso pela demonização da cultura negra e das religiões de base africana. Dizer que Umbanda e Candomblé são coisas do demônio faz parte desta forma de racismo. Traduz os conteúdos de desinformação em aversão e preconceitos religiosos. Precisamos lembrar que a humanidade toma consciência do conceito da existência de demônios, diabos e satanases, na forma que são conhecidos na atualidade, pela informação das bíblias cristãs européias. Estes não fazem parte das formas religiosas africanas. Como não fazem parte das culturas africanas, não são partes dos cultos de origem africanas.

Quatro motivos traduzem a importância da escola em dar uma informação mínima sobre as religiões de base africana, denominadas como Umbanda e Candomblé:

a) Um dos motivos de tratarmos minimamente sobre Candomblé e Umbanda na escola é quanto à informação sobre as culturas dos povos. As culturas de base africana

fazem parte da cultura da humanidade e da cultura brasileira. As religiões compõem um modo de vida que estão intimamente ligadas ao modo de ser africano e de seus descendentes e para compreendê-las sem deformações é necessário um conhecimento mínimo de fundo cultural sobre estas religiões. Esta informação não implica na repetição de rezas, cânticos e nem na introdução de símbolos sagrados destas religiões no cotidiano da escola. Não se pode conhecer a cultura brasileira na sua amplitude sem reconhecer a existência das religiões trazidas pelos africanos para o Brasil. Estas religiões têm bases mitológicas, valores culturais e filosóficos das formas africanas de compreender a vida e a presença de um criador do universo. Estas religiões também apresentam partes do conhecimento africano e afrodescendente de utilidade para vida cotidiana das pessoas. A ligação das religiões africanas com a natureza produziu um grande conhecimento sobre remédios e formas medicinais que tiveram grande utilidade para a população e hoje estão sendo estudados pela medicina ocidental. Pensar que as religiões africanas são crendices, sem importância é desconhecer a riqueza de conhecimentos processados nestas religiões. Conhecer estas religiões é conhecer melhor a forma de ser e pensar da população negra e também do povo brasileiro. (Como parte integrante do conhecimento da humanidade).

b) Um segundo motivo para se falar nas religiões de base africanas na escola é relativo à história brasileira, onde as religiões de base africana foram parte importante da identidade dos africanos e afrodescendentes e através delas formação da resistência contra o escravismo criminoso e contra a dominação eurocêntrica. As religiões afrodescendentes são um marco da

resistência dos povos africanos e descendentes no Brasil. Não somente no Brasil como em toda a América. Os aspectos da constituição da identidade histórica e cultural da população brasileira são ligados às religiões de Umbanda e do Candomblé. No passado, as residências de africanos nas cidades e no meio rural eram também locais de práticas religiosas e de formação de consciência coletivas que resultaram em formas de revoltas, resistência e libertação do povo negro. As religiões de matriz africana são parte integrante da consciência social processada por parte dos movimentos negros na atualidade. Assim, fazem parte da consciência política inscrita na história da população afrodescendente. Como integrante de identidade e da consciência histórica e cultural é uma forma necessária de abordagem das religiões africanas. Estas são parte do patrimônio cultural, material e imaterial, do povo brasileiro e desta forma estão inscritas na formação histórica que deve ser oferecida pela educação brasileira. (Como parte da história dos africanos no Brasil no passado e dos afrodescendentes no presente.)

c) Pela existência de grupos de praticantes das religiões de base africanas na sociedade brasileira estas religiões difundiram conhecimentos que se tornaram inerentes a formação social brasileira. Nós comemos alimentos que tem grande valor nutricional como o dendê, o fubá e feijão, coco, a banana da terra e que vieram para a vida brasileira pela influencia das religiões de base africana. Pelo reconhecimento da diversidade cultural criada pelas religiões de base africana na da sociedade brasileira uma vez que elas introduziram variações da língua, dos ritmos e da organização social com exemplos do fazer coletivo. As religiões de base africana influenciam de forma

importante o pensamento social brasileiro. A sociologia e antropologia demonstram sobre diversos aspectos que os conhecimentos das religiões de base africanas estão presentes nos conhecimentos processados na atualidade na sociedade brasileira. Como aspecto do conhecimento atual na sociedade brasileiro esta deve figurar na informação educacional. Mesmos porque os aspectos políticos da sociedade brasileira perpassam pelo reconhecimento de grupos sociais de praticantes das religiões de base africanas. (Como parte do conhecimento sociológico e antropológico da sociedade brasileira).

d) Como motivo de combate ao racismo às populações afrodescendente e a cultura negra. O racismo abarca as culturas e as religiões. Produzem visões racistas sobre as culturas de base africana e principalmente sobre as práticas de religiões de base africana. Como forma de respeito à igualdade de direitos e à liberdade de expressão religiosa é que a educação brasileira precisa abordar o Candomblé e a Umbanda. (Como forma de combate ao racismo antinegro).

Variados podem ser os motivos que nos levem a abordar as religiões diversas da humanidade na educação brasileira. A formação educacional democrática e igualitária implica num conhecimento amplo dos diversos povos e das diversas religiões. Mesmo religiões de povos que não fazem parte da cultura brasileira precisam ser apresentadas para evitar que o desconhecimento possa incorrer em informações deturpadas e depreciativas destas culturas. Das propostas de realização de uma educação plural e democrática é que a informação sobre as religiões de base africana é essencial para a formação educacional brasileira. A síntese

oferecida nestes quatro itens acima perfaz apenas uma orientação introdutória aos motivos da apresentação destas religiões na cultura educacional brasileira. Devido à lei 10.639 que implica no ensino de história e cultura africana e afrodescendente é também parte da necessidade da inclusão da informação sobre religiões de base africana na educação brasileira (LUZ, 2000).

2 – O que são as religiões de base africana na cultura brasileira.

As religiões de base africanas como a Umbanda e o Candomblé tem como finalidade o respeito à ancestralidade e preservação do equilíbrio da natureza. Nas culturas tradicionais africanas é de suma importância o respeito às gerações passadas e ao conhecimento destas para a humanidade. Esta importância é dada pelo respeito muito grande à ancestralidade. Os antepassados recentes ou os históricos muito antigos são homenageados e cultuados nas religiões de base africanas. Para os africanos tudo que existe emana uma energia específica, parte da energia fundamental. O mundo na cultura africana é pensado como na física como a interação atômica de energias. Devido a esta visão da energia em interação, tudo nas culturas africanas são fenômenos dinâmicos, ou seja, tudo esta em constante transformação. Estes estados de constantes transformações precisam ser mantidos em equilíbrios para manutenção da vida e felicidade dos seres da natureza, entre eles os seres humanos. Então nas religiões africanas os trabalhos de rituais têm como uma das finalidades a preservação deste equilíbrio da natureza para a prosperidade e felicidade humana.

As homenagens a ancestralidade nas culturas africanas são parecidas como de uma família que tenha os pais ou os

avos já falecidos. Os parentes têm fotos nas paredes e em álbuns em lembranças carinhosas. Eles também fazem uma festa da família para lembrar e homenagear estes antepassados desaparecidos. No caso, nestas festas fazem as comidas e contam as histórias que estes entes queridos gostavam. Nas religiões de base africana é isto que acontece. As lembranças e homenagens aos antepassados são realizadas em festas com as comidas e com os objetos que representam estes antepassados. As divindades homenageadas nos rituais dos terreiros são estes antepassados queridos que foram importantes para nossas existências no presente. Como nas nossas religiões cremos nas energias, nestas homenagens pedimos revitalização das energias destes antepassados em nós mesmos. Desta forma é que temos o transe da incorporação da energia dos homenageados nas pessoas que são iniciadas e fazem parte de famílias do terreiro.

A forma simbólica mais sugestiva de representar a energia em movimentos é pelas danças circulares. Desta forma para tudo se dança nas culturas de base africana. Além do mais, a dança é uma forma de teatro que pode contar histórias e narrar mitos. Por estes motivos os rituais de religiões africanas são realizados com muitas danças e muitas representações de fatos mitológicos e históricos. Por isso, as divindades ancestrais homenageadas são representadas com seus trajes e símbolos da sua época. A dança é indissociável das manifestações das culturas africanas. Nas culturas africanas tanto na alegria, como na tristeza, se dança. Então, esta tradição de dança se reproduz nas religiões de matriz africana.

Na concepção africana existem dois mundos: um visível e outro invisível. A comunicação entre este dois mundos pode ser assistida pelos ancestrais, ou então transmitida pelos sons dos tambores. Os tambores representam as falas, são linguagens compreensivas em muitas sociedades africanas. Neste sentido, os toques dos tambores transmitem linguagens compreensíveis além da fala humana e que permite a ligação entre o universo invisível e o visível. De toda forma, os tambores falam nas culturas africanas e daí vem toda a sua importância nesta cultura e em particular nas religiões.

Nas sociedades africanas existe apenas um ser supremo, criador de tudo que existe. Este ser supremo é como uma mãe infinitamente boa. Visto que existem também apenas o céu e a terra, todas as pessoas quando vão para o céu. Na concepção africana, não existe, como na concepção européia, o inferno ou outro lugar. Assim, na forma africana todos os seres estão salvos e vão para o céu, dada a bondade infinita da criação. Nesta concepção africana, também não é admitida a presença de outros seres que competiriam com a força criadora, por isto não existe diabo. As religiões do Candomblé e da Umbanda não trabalham os problemas da salvação para outra vida e sim os problemas da vida na terra, da felicidade dos seres e da preservação das forças da natureza neste mundo. São religiões terrenas neste sentido e preocupadas com a ligação entre o passado, presente e futuro dos seres da natureza na terra. Esta forma de interpretação implica em circularidades como representações das gerações que se sucedem.

Precisamos que a educação informe a população apenas os princípios desta forma de ver o mundo e da religião nas

culturas africanas. Com isto se evita a divulgação equivocada das representações presentes nestas religiões da base africana. Não se trata da divulgação destas religiões para conseguir adeptos nem mesmo para que alguém mude de religião, mas sim que a população entenda o que acontece nos terreiros e nos rituais de Umbanda e Candomblé (LUZ, 2003), (MACHADO, 2002).

3 – De onde vem o medo que muitos têm das religiões de matrizes africanas.

O medo é construído dentro da sociedade em várias histórias que somam informações diversas de tempos passados e presentes (AZEVEDO, 1987). Para fazermos uma breve retrospectiva do medo sobre as culturas africanas precisamos nos reportar à história do passado europeu do período da idade média. Na Europa, neste período, se implantava por imposição dos reis e da nobreza de diversos países o predomínio do cristianismo. Este predomínio foi realizado pela superação das religiões européias anteriores que eram de magia, alquimia, bruxarias, feitiçaria, assombrações e vampiros. Os cristãos queimavam na idade média as bruxas e bruxos, que eram considerados pessoas com poderes mágicos e realizadores do sobrenatural. Mas europeus tinham medo dos poderes destas bruxas (RUSSEL; ALEXANDER, 2008). Mesmo cientistas da química ou pessoas paranormais foram acusadas de bruxaria e queimadas em fogueiras da inquisição. Deste período também existiram guerras comerciais entre povos não europeus e europeus. As guerras comerciais se confundiram com guerras religiosas. Os europeus denominavam os outros povos não cristãos de pagãos. Tudo que eles não compreendiam nas religiões de

outros povos era designado como bruxarias e também tornou-se motivo de medo. Aos povos denominados pagãos somou-se um universo de criar as crenças de medo dessas religiões desconhecidas por eles. Até a escravização de africanos de na Europa foi justificada em imposta com base na idéia de serem povos pagãos.

Do período escravista criminoso há outro fator que expandiu no passado a história do medo quanto às religiões africanas. Os africanos conheciam plantas venenosas, alucinógenas e entorpecentes. Eles administravam poções para envenenar os escravizadores, para estes tivessem desequilíbrios psicológicos ou sonos profundos que propiciava momentos de fugas e rebeliões. Estes europeus assustados com as mortes súbitas e os desequilíbrios psíquicos imputavam estes fatos a denominada magia negra, ou seja, com poderes sobre naturais vindos das religiões africanas. Desta forma se difundiu uma forma de medo sobre as formas de expressões africanas.

Também como forma de racismo se difundiu uma série de medos sobre as realizações e práticas culturais dos africanos e afrodescendentes. O racismo procura desacreditar sobre os valores culturais, impor climas de desconfiança e medo em relação às religiões. Nestes termos o racismo procura afastar as pessoas da suas fontes de identidade e da sua cultura original. A ausência da cultura produz o enfraquecimento da identidade e torna aos afrodescendentes mais vulneráveis a dominação ocidental. No passado, os terreiros eram atacados pela polícia e pelas autoridades racistas que procuravam destruir a cultura de base africana no Brasil, e impor uma europeização das nossas culturas. Na atualidade, a mentalidade racista transforma as vítimas do racismo

nos seus próprios algozes. Fazem com que os próprios afrodescendentes trabalhem na divulgação de mitos e idéias absurdas sobre as culturas africanas. A população desenvolve em medo aparentemente natural do desconhecido e devido às propagandas racistas em torno da desqualificação das culturas africana e afrodescendentes passam a cultivar o medo sobre as religiões de base africana.

4 – O que concluímos destas histórias.

Os educadores precisam compreender que somos partes importantes da formação de opinião e propagação de idéias na sociedade. Nesta finalidade nos educadores precisamos sempre ampliar o nosso universo de conhecimento e se despirmos de preconceitos e racismo. A manutenção das um conjunto de idéias erradas sobre as religiões de base africana é prejudicial a formação dos educandos. Primeiro, pois estaremos desrespeitando publicamente os educandos cujas famílias são membros da Umbanda e Candomblés. Depois estaremos fazendo um tratamento desigual das diversas religiões, valorizando umas em detrimentos das outras. Produzindo muitas vezes um clima de desconforto e rejeição de alunos que as famílias sejam membros de religiões de base africana. Temos que lembrar que agressões racistas então no pátio da escola, nas salas de aula no convívio cotidianos dos estudantes, funcionários e professores. Chamarem de macaco, macumbeiro e termos equivalentes expressam essas agressões. A informação adequada sobre as religiões ajuda no combate a estas agressões. Existem casos que estas agressões levam a desistência da escola ou então a respostas violentas fazendo parte do aumento da violência nas escolas.

A igualdade de oportunidade e de representação na sociedade brasileira dos diversos grupos sociais é uma garantia da liberdade política e da democracia como sistema de convivência da população e da organização do estado brasileiro. O combate às desigualdades sociais esta intimamente ligada à expressão ampla de todas e todos em todos os setores da vida nacional. Seguindo estes princípios é que nos educadores precisamos abordar em nossas aulas e práticas educativas a existência digna de religiões de base africanas. Elas fazem parte do patrimônio cultural e intelectual do povo brasileiro. Esta na formação da nossa identidade como povo.

Todas as vezes que nos parece difícil trabalhar algum tema nas nossas aulas devemos nos perguntar por quê? O que esta em nossa consciência passadas e presentes que dificulta a abordagem destes temas. De quais forma funcionam os nossos planejamentos e formações pedagógicos que não nos ajudam a superar as dificuldades em preparar aulas sobre temas considerados difíceis. Também nas nossas vidas fora de escola nos associamos a grupos de pensamentos e de formação de idéias sobre a sociedade sem questionarmos quais são exatamente a finalidade destes grupos. Porque eles condenam com tanto veemência as culturas de base africana e principalmente àquilo que eles pensam que sejam as religiões de base africana. Sem um amplo questionamento dos nossos credos corremos o risco de sermos propagadores de racismos e de idéias pejorativas contra as religiões de base africana, prejudicando assim parte dos

nossos alunos, deixando-os expostos a cultura do racismo religioso e da desinformação sobre as suas religiões. O respeito a todas as religiões é parte do dever da escola de formar a sociedade para uma convivência pacífica e confortável a todos.

A abordagem das religiões africana na escola é uma grande oportunidade em agendar outras perspectivas metodológicas ao ensino. A utilizando a mitologia contida nas religiões de base africana permite acesso ao um novo conhecimento cultural, e também a compreensão de uma das culturas da humanidade.

Referências

- AZEVEDO, C. Onda negra e medo branco. O negro no imaginário das elites – Século XIX. Rio de Janeiro: Paz e terra. 1987.
- CUNHA JUNIOR, Henrique. Me chamaram de macaco e eu nunca mais fui a escola. IN: Gomes, Ana Beatriz / Cunha Junior, Henrique. (Org.) Educação e Afrodescendência no Brasil. Fortaleza: Editora da UFC. 2008. ISBN: 978-85-7282-310-4.
- GUIA, Franci da. Ser negro nas vozes e nos silêncios produzidos nas escolas. Mestrado em Educação. Universidade Federal do Ceará. 1999.
- RUSSEL, Jeffrey/ ALEXANDER, Brooks. História da Bruxaria. Rio de Janeiro: Editora Aleph. 2008.
- LUZ, Narcimaria. Do monopólio da fala sobre a educação à poética mítica africano – brasileira. Revista da FAEEBA, UNEB, n.19. v. 12. Jan / Jun. 2003.
- _____. Abebe: a criação de novos valores na educação. Salvador: SECNEB. 2000.
- MACHADO, Vanda. Ilê Axé : vivencias e invenção pedagógicas – as crianças do Opô Afonja. Salvador: Editora do UFBA. 2002.

* HENRIQUE CUNHA JUNIOR é professor titular da Universidade Federal do Ceará; Doutor pelo Instituto Nacional Pesquisa de Lorraine – INPL.